



**UEPB**  
**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CAMPUS III – “OSMAR DE AQUINO”**  
**DEPARTAMENTO EDUCAÇÃO**  
**CURSO LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**MOVIMENTO FEMINISTA NEGRO NO BRASIL: FORMAÇÃO, NÍVEL DE  
ESCOLARIDADE, QUESTÃO DE CLASSE E HISTÓRIA DE VIDA.**

**CLÉCIA DOS SANTOS TARGINO**

**GUARABIRA**

**2018**

CLÉCIA DOS SANTOS TARGINO

**MOVIMENTO FEMINISTA NEGRO NO BRASIL: FORMAÇÃO, NÍVEL DE  
ESCOLARIDADE, QUESTÃO DE CLASSE E HISTÓRIA DE VIDA.**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia do Centro de Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB – Campus III, em cumprimento aos requisitos necessários para a obtenção de grau de Licenciado em Pedagogia.

**ORIENTADORA: Prof.<sup>a</sup> Dra. IVONILDES DA SILVA FONSECA**

**GUARABIRA - PB  
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

T185m Targino, Clécia dos Santos.  
Movimento Feminista Negro no Brasil: [manuscrito]:  
formação, nível de escolaridade, questão de classe e história  
de vida. / Clecia dos Santos Targino. - 2018.  
28 p.; il. colorido.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Humanidades., 2018.  
"Orientação.: Profa. Dra. Ivonildes da Silva Fonseca.,  
Departamento de Educação - CH."  
1. Movimento Feminista Negro. 2. Escolaridade. 3. Classe  
social. 4. Gênero. 5. Raça. I. Título  
21. ed. CDD 305.42

CLÉCIA DOS SANTOS TARGINO

MOVIMENTO FEMINISTA NEGRO NO BRASIL: formação , nível de escolaridade, questão de classe e história de vida.

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia do Centro de Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB- Campus III, em cumprimento aos requisitos necessários para a obtenção de grau em Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em 4/12/2018

BANCA EXAMINADORA

Ivonildes da Silva Fonseca  
Profa. Dra. Ivonildes da Silva Fonseca (UEPB)

Rita de Cássia da Rocha Cavalcante  
Profa. Dra. Rita de Cássia da Rocha Cavalcante (UEPB)

Sheila Gomes de Melo  
Profa. Msa. Sheila Gomes de Melo (UEPB)

Guarabira – PB  
2018

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à todas mulheres negras que seguem na luta e resistem a uma sociedade racista, machista e patriarcal.

## **AGRADECIMENTOS**

Gratidão a Deus que me permitiu realizar este trabalho, à minha família em especial minha mãe; MARIA DOS SANTOS TARGINO, exemplo de mulher que me deu forças e se sacrificou para que eu pudesse concluir este trabalho.

Agradeço à minha orientadora, IVONILDES por ter colaborado na realização e na execução deste trabalho, e em seu nome a todos e todas as professoras que contribuíram em minha formação acadêmica dentro e fora do Campus.

Não posso deixar de agradecer às minhas colegas de classe, que se dispõem a ajudar quando necessito, à todas e em especial às irmãs que o curso me presenteou; AMANDA, EDERLANY e VANESSA, muita luz.

Ao meu namorado; ALEXANDRE DAVID DE ARAÚJO que teve toda a paciência de ouvir minhas inquietações e reclamações e pelo apoio que sempre me dá.

A todos e todas que contribuíram, direta ou indiretamente na construção deste trabalho.

E por fim, à minha santa de Devoção (Santa Terezinha do Menino Jesus), a qual me auxiliou e que se faz presente neste percurso de tantos desafios, descobertas e aprendizados.

*Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta junto com ela. (Angela Davis)*

## RESUMO

Esta monografia apresenta a formação do Movimento Feminista Negro no Brasil, sob a perspectiva de investigar a participação de militantes feministas negras, com seu nível de escolaridade e classe social. A partir da pesquisa percebemos a relevância do movimento feminista negro para a transformação da sociedade brasileira, e nesta perspectiva enfatizar o nível de escolaridade e a classe social, a partir da vida de algumas mulheres negras que contribuíram para o fortalecimento do movimento. Para a realização desta pesquisa foi utilizado o método biográfico e neste caso selecionamos biografias de mulheres negras que direta ou indiretamente tiveram envolvimento e contribuição com a escrita mesmo sem escolaridade e também na formação do Movimento Feminista Negro no Brasil. Esta pesquisa possibilitou a visibilidade do movimento e a importância da vida acadêmica da mulher negra, visto que o acervo bibliográfico sobre o tema é escasso e, deste modo quanto mais produção acadêmica mais importância e visibilidade para as questões e lutas que as mulheres negras enfrentam e para que isso ocorra esta produção deve ser feita por mulheres negras e não por terceiros, pois apenas elas tem o conhecimento e a vivência para discutirem acerca dos temas de gênero, raça e entre outros.

Palavras-chave: Movimento Feminista Negro, Feminismo negro - escolaridade e classe social , Feminismo negro- gênero/raça.



## **ABSTRACT**

This monograph presents the formation of the Black Feminist Movement in Brazil, from the perspective of investigating the participation of black feminist militants, with their level of schooling and social class. From the research we perceive the relevance of the black feminist movement for the transformation of Brazilian society, and in this perspective emphasize the level of schooling and social class, from the life of some black women who contributed to the strengthening of the movement. In order to carry out this research, we used the biographical method and in this case we selected biographies of black women who directly or indirectly had involvement and contribution with writing even without schooling and also in the formation of the Black Feminist Movement in Brazil. This research made possible the visibility of the movement and the importance of the academic life of the black woman, since the bibliographic collection on the subject is scarce and, thus, the more academic production, the more importance and visibility for the issues and struggles that black women face and for this to occur this production must be done by black women and not by third parties, since only they have the knowledge and experience to discuss gender, race and other topics.

Keywords: Black Feminist Movement, Black feminism - schooling and social class – Black feminism- gender / race.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1: “O pessoal é político” .....</b>	<b>14</b>
<b>Figura 2: Vida feminista Lélia Gonzalez.....</b>	<b>21</b>
<b>Figura 3: Quem nos apoia.....</b>	<b>21</b>
<b>Figura 4 Entre a história e a memória.....</b>	<b>22</b>
<b>Figura 5: Arquivo Nacional-Maria Beatriz.....</b>	<b>23</b>
<b>Figura 6: Médica, preta e nova diretora executiva.....</b>	<b>23</b>
<b>Figura 7: Sou maluca sim! Carolina Maria.....</b>	<b>24</b>
<b>Figura 8: A Criatura.....</b>	<b>25</b>

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2. FORMAÇÃO DO MOVIMENTO FEMINISTA NEGRO NO BRASIL.....</b>	<b>12</b>
<b>2.1. Movimento Feminista Negro e sua organização entre as décadas de 1970 e 1980 no Brasil .....</b>	<b>16</b>
<b>3. PROTAGONISMO DE MULHERES NEGRAS E SUAS HISTÓRIAS DE VIDA: ESCOLARIDADE E CLASSE SOCIAL.....</b>	<b>20</b>
<b>ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PARA FINALIZAR.....</b>	<b>27</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>28</b>

## 1.INTRODUÇÃO

O movimento feminista Negro no Brasil ganhou destaque no século XX, no I Encontro Nacional de Mulheres Negras que aconteceu em Valença/ Rio de Janeiro sobre a necessidade de partilhar experiências vividas e reconstruir coletivamente uma memória em busca de enfatizar momentos de transformação social.

É necessário enfatizar a importância de um movimento tão relevante socialmente, o primeiro passo para que isso ocorra é entender que “ O feminismo é uma teoria política e uma prática que luta por libertar todas as mulheres negras” (COLLINS, 1995).

O Movimento Feminista Negro difere-se do “Feminismo Branco” em relação as bandeiras que são defendidas em ambos, enquanto as mulheres brancas iam a rua lutar pelos seus direitos, a mulher negra estava cuidando do filho da mulher branca, ou seja não tinham representatividade.

O principal objetivo deste encontro realizado na cidade do Rio de Janeiro era garantir que apenas mulheres negras e afrodescendentes participassem, devido a necessidade de estarem entre as suas iguais dando a visibilidade necessária para percebermos a mulher negra como um sujeito político e autônomo.

Em um determinado momento deste movimento e durante esse processo político uma questão nos chama atenção “a questão de classe estava entre nós. Muitas mulheres não aceitavam que as mulheres negras com um perfil periférico estivessem a frente do movimento” (SILVA.PEREIRA, 2014, p.21).

Diante deste destaque esta pesquisa levantou uma questão tomando dois marcadores: a classe social e o nível de escolaridade das militantes negras, consideradas por si e por outras como feministas. Desde conjunto das que eram identificadas como feministas, destacamos alguns nomes de mulheres negras e com o objetivo de “ dar voz aos protagonistas do processo a ser investigado, em vez de falar por eles através de estudos teóricos” (OLIVEIRA.et.al.2013, p.8), utilizamos o método biográfico.

Nesse sentido a pesquisa teve como objetivo ressaltar a importância do Movimento Feminista Negro e mostrar que fazer parte de uma militância neste movimento, independe de grau de escolaridade e muito menos de classe social. Há mulheres feministas negras com diferentes escolaridades e classe social e com esta afirmação buscamos mostrar a importância do Movimento feminista negro mediante partes da história de vida de algumas mulheres negras aqui destacadas, enfatizando o nível de escolaridade

Tendo como metodologia a pesquisa qualitativa apoiada em materiais bibliográficas embasadas nos materiais disponíveis que enfatizam este movimento, fornecendo conhecimentos históricos e educativos que possibilitam obtermos uma maior familiarização com o tema, e visibilizando Mulheres Negras que antes eram oprimidas e invisíveis aos olhos da sociedade brasileira.

O desejo de pesquisar sobre estas questões surgiu na disciplina de "Movimentos Sociais" à época ministrada pelo Professor Ricardo Santana, na qual adquiri conhecimentos históricos sobre o surgimento de diferentes movimentos sociais a partir daí passei a ter curiosidade em conhecer o movimento feminista negro, pois me sensibilizo com a luta e com as questões sociais que abordam o tema. Dentro do Movimento Feminista Negro, surgiu também a necessidade de investigar a escolaridade das mulheres negras e nos aproximar ainda mais das suas histórias de vida com a história de vida de cada uma, que por mais caminhos diferentes que tenham traçado às opressões, preconceitos e racismo há elementos comuns que afetam a todas, independente de classe social ou de nível de escolaridade.

Da identificação de algumas biografias no meio da militância feminina negra brasileira destacamos o nível de escolaridade das biografias, que é diverso. Destacamos as seguintes Mulheres Negras: Lélia González, Sueli Carneiro, Adélia de França, Beatriz Nascimento, Jurema Werneck, Carolina de Jesus e Conceição Evaristo. Desta forma o método biográfico contribuiu para alcançar o nosso objetivo.

Por este selecionaremos parte das biografias que auxiliou na identificação do nível de escolaridade de cada Mulher destacada, Segundo Moraes (2009) "A biografia representou a possibilidade de uma teoria de ação social a um tempo histórico e não formal suficientemente flexível para estabelecer a relação entre as dimensões psicológica e social"

Este estudo é estruturado em dois capítulos terá no primeiro, a formação do Movimento Feminista Negro no Brasil, origem do Feminismo Hegemônico ou Clássico, Movimento Negro e a formação do feminismo negro. No segundo; trataremos sobre o Protagonismo de mulheres negras e suas histórias de vida: escolaridade e classe social, a vida de mulheres que contribuiriam para o movimento feminista negro.

Este trabalho enfatiza a valorização da Mulher Negra e seus direitos, sua relevância e contribuição para uma sociedade justa e igualitária. A questão da escolaridade interfere positivamente para a produção de material produzido por mulheres negras que militam e lutam por seus direitos e resistem a condição de serem silenciadas e invisibilizadas, por uma sociedade branca, machista e patriarcal.

## **2.FORMAÇÃO DO MOVIMENTO FEMINISTA NEGRO NO BRASIL**

Antes de iniciarmos a abordagem sobre o Movimento Feminista Negro, é necessário apresentar o Movimento Feminista em geral, uma vez que o Feminismo Negro tem relação na sua formação com o Feminismo também chamado de clássico.

Apresentando o Feminismo vemos que este é

Feminismo é um movimento político, filosófico e social que defende a igualdade de direitos entre mulheres e homens. (SIGNIFICADOS,2017).

Para bem estruturamos o nosso estudo precisamos entender que princípios norteiam o movimento feminista e entendermos a relevância social e política do mesmo, por isso podemos dizer que o termo feminismo

Traduz todo o processo desenvolvido ao longo da história, e que continua a ser trabalhado diariamente, em todos os espaços[...] é preciso confrontar a situação da mulher na sociedade antiga, medieval e moderna, buscar suas raízes enquanto movimento político e desvendar a ideologia que ainda hoje outorga direitos, deveres e comportamentos distintos para homens e mulheres. (ALVES; PITANGUY.2017)

Os registros históricos encontrados para o início do Movimento Feminismo marcam que este se deu a partir do século XIX na Europa, momento no qual mulheres de classes distintas começam a se inserir no mercado de trabalho.

O "embrião" do movimento feminista surgiu na Europa em meados do século XIX, como uma consequência dos ideais propostos pela Revolução Francesa, que tinha como lema a "Igualdade, Liberdade e Fraternidade". As mulheres queriam estar inseridas no turbilhão de mudanças sociais que estas revoluções traziam, principalmente para se sentirem mais cidadãs em uma sociedade historicamente regida pelo patriarquismo. (SIGNIFICADOS, 2017).

No ano de 1891, surgem reivindicações na sociedade brasileira e dentre as discussões na Assembleia Constituinte para a segunda Constituição brasileira, o direito ao voto para as mulheres:

Foram rejeitadas emendas visando a explicitar o direito da mulher ao voto, do que alguns concluíram pela sua inconstitucionalidade. Outros alegaram que o elemento feminino estava incluído na categoria "cidadãos brasileiros". (PINSKY; PEDRO.2012, p. 219)

A primeira bandeira levantada pelo movimento feminista foi pelos direitos civis, e entre eles o direito ao voto. Devido a rejeição desta reivindicação pelo direito ao voto, no ano de 1910, nasceu o Partido Republicano Feminino fundado pela professora Leolinda Daltró<sup>1</sup>, no objetivo de refazer o debate sobre o voto das mulheres no Congresso. (KARAWEJCZYKA,2014, p.65)

Houve vários movimentos no movimento feminista dos quais o da Primeira Onda do Feminismo que aconteceu no século XIX e se tornou conhecido como um movimento radical que tinha como bandeira de luta a conquista de direitos civis e políticos que as grandes revoluções não trouxeram para as mulheres

Em decorrência deste movimento inicial obtiveram o direito ao voto em 1918, o que viabiliza certa "igualdade" perante aos homens. (PENHA, 2017. P, 11)

Vale ressaltar que o direito ao voto das mulheres em 1918 ocorre em alguns países europeus e a luta por outros direitos avança para que o é chamada de, a segunda onda do feminismo. Esta "onda" que teve início em 1960 tem a ver com o ressurgimento de "tempos sombrios" com visibilidade na Europa e nos Estados Unidos, trazendo a expressão "pessoal é político" revertia-se em mudança de

---

<sup>1</sup> Por ser Leolinda Daltró uma feminista que era indígena, segue alguns dados biográficos: "Antes de ser feminista Leolinda nasceu em 1859 na Bahia, casou-se cedo, como de costume na época, e teve dois filhos. Logo se separou do marido, o que teria sido uma motivação para estudar para ser professora e, assim, ajudar nas economias domésticas (Rocha, 2002, p.48). Aos 24 anos, estava casada novamente e migrou, com o novo marido, para a Capital Federal, em "busca de melhores condições de vida" (Abreu, 2007, p. 16). No Rio de Janeiro, conseguiu um cargo para ministrar aulas e também começou a se interessar pela proposta positivista na área da educação"[...] [...] "Por conta de sua ousadia, recebeu vários epítetos e a imprensa da época assim a descreveu: "santa, anjo, excêntrica, monomaniaca, visionária, heroína, louca de hospício, doce mãe, aproveitadora, herege e anticristo foram alguns dos títulos que ela recebeu de admiradores e desafetos" (Rocha, 2002, p. 4 apud Por conta de sua ousadia, recebeu vários epítetos e a imprensa da época assim a descreveu: "santa, anjo, excêntrica, monomaniaca, visionária, heroína, louca de hospício, doce mãe, aproveitadora, herege e anticristo foram alguns dos títulos que ela recebeu de admiradores e desafetos" (Rocha, 2002, p. 4 apud Karawejczyk, 2014 .p.68



comportamento e o que se falava dentro das casas, foi trazido para as ruas, a exemplo do direito a falar do prazer e da violência à mulher. (SILVA, PEREIRA. 2014, p, 16)

A abertura promovida pelo “pessoal é político” é representada na gravura em que se vê a denúncia da violência do patriarcado, à visão sobre as mulheres como objeto sexual ou para servir à política dos lucros capitalistas. Esta visão consiste numa questão de interesses por parte da sociedade patriarcal machista e racista, quando se faz necessário a objetivação e a sexualização da imagem da mulher, para obtenção do lucro, num comercial de cerveja, a imagem da mulher sexualizada é normatizada. Por outro lado, quando uma militante negra ou não, expõe o seu corpo como forma de manifesto é motivo de escândalo e de banalização, pela mesma sociedade. Como podemos observar na Figura 1:

**Figura 1: O pessoal é político**



Fonte: <https://acasadevidro.com/2015/12/14/o-pessoal-e-politico-estilhacos-de-feminismo-insurgente/>

No Brasil, a Constituição de 1988 destituiu o pátrio poder e produziu políticas públicas para mulheres, com a criação dos Conselhos da Condição Feminina, que tinha o objetivo de promover a igualdade de gênero e combater a discriminação.

Na questão de “público e privado” a luta contra a violência doméstica estabeleceu uma mudança de paradigma e segundo CARNEIRO (2003. P, 117): A violência doméstica tido como algo da dimensão do privado alcança a esfera pública e torna-se objeto de políticas específicas.

Apesar da violência doméstica contra a mulher ser incorporada pelo Estado e tornar-se política pública, apenas em 2006, uma lei assegura a proteção de fato as mulheres:

Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006, Art. 2º toda mulher, independentemente de classe, raça, etnia, orientação sexual, renda, cultura, nível de escolaridade, idade e religião, goza de direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sendo-lhe asseguradas as oportunidades e facilidades para viver sem violência, para preservar sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual e social. (JUSBRASIL, 2018).

Estas conquistas foram obtidas graças ao Movimento Feminista, que não deixou de lutar pela igualdade salarial e pelos direitos civis, que toda mulher deve ou deveria ter. A Constituição de 1988 e as políticas públicas conquistadas são apenas o mínimo que deve se assegurar a toda e qualquer mulher, neste caso as leis dizem que independe de cor ou raça.

## **2.1 - Movimento Feminista Negro e sua Organização entre as décadas de 1970 e 1980 no Brasil**

O feminismo negro nasce da necessidade de viabilizar os direitos das mulheres negras, e rompe de certo modo, tanto com o Movimento negro, quanto com o Movimento Feminista "branco", e aqui não retiramos a importância destes movimentos. Mas, foi necessário este rompimento devido as necessidades específicas da mulher negra, que tinha em comum algumas bandeiras de luta com os movimentos, porém necessitava de uma visibilização da sociedade com suas especificidades, principalmente as mulheres negras de periferia. De acordo com Carneiro (2013, p.121)

A questão política que decorre dessa realidade será a exigência de que o combate ao racismo, a discriminação racial e aos privilégios que ele instituiu para as mulheres brancas seja tomando como elemento estrutural o ideário feminista; um imperativo ético e político que reflita os anseios coletivos de luta feminista de representar as necessidades e os interesses do conjunto de mulheres.

Na questão da saúde, o movimento feminista lutou por muito tempo contra a esterilização para as mulheres negras como sendo o único método contraceptivo delimitando e restringindo a liberdade da mulher negra ter escolhas, propondo apenas um tipo de contraceptivo, segundo Carneiro, (2003, p. 124)

A esterilização ocupou lugar privilegiado durante anos na agenda política das mulheres negras que produziram campanhas contra a esterilização de mulheres negras em função dos altos índices que esse fenômeno adquiriu no Brasil, fundamentalmente em mulheres de baixa renda ( a maioria das mulheres que são esterilizadas o fazem porque não encontram no sistema de saúde a oferta de diversidade dos métodos contraceptivos reversíveis que lhes permitiram não de ter a opção radical de não poder mais ter filhos).

A política pública aplicada à mulher negra especificamente a de perfil periférico, era a de diminuir a natalidade dentro dos morros e favelas, como um modo perverso de "erradicar a fome", visto que a comunidade negra como um todo, em especial a mulher negra era vista (ainda é) como um "problema" na sociedade.

Com este objetivo, o Estado promoveu programas e atendeu a várias mulheres, muitas vezes de forma precária, fazendo a esterilização, muitas das vezes sem pedir permissão e nem explicar o procedimento.

Para melhor contextualizar a formação do Feminismo negro no Brasil nos valem, diante da dificuldade de material para pesquisa, do texto da autora Joselina da Silva, publicado em 2014 intitulado "O Movimento de mulheres negras: escritos sobre os sentidos da democracia e justiça social no Brasil. "

O texto referido faz um percurso de encontros estaduais com grupos de mulheres negras de cada estado, até o "grande encontro" que mobilizou todas, de todos os grupos na cidade do Rio de Janeiro, ocorrido em dezembro de 1988, que grafaremos como EMNERJ cuja finalidade era congregar as mulheres negras em nível nacional, levando-as a refletir sobre a verdadeira razão pela qual são diferentes, ou o motivo pelo qual são tratadas diferentemente, em relação aos indivíduos que constituem a sociedade.

A principal característica do I Encontro E.M.N.E.RJ foi garantir que pela primeira vez no país, apenas mulheres negras afrodescendentes pudessem "comparticipar", "para as mulheres negras se fazia necessário estar entre as suas iguais" (SILVA; PEREIRA. 2014, p.19).

Em 1987, com aproximadamente 1 ano de preparação e organização acontece o I Encontro Estadual de Mulheres Negras.

O fortalecimento do Movimento Feminista Negro ocorreu nos anos de 1970 a 1980, poderíamos dizer que foram os anos de ascensão do movimento em relação a uma visibilidade nacional, nesta época surgiram grupos em quase todo o país.

No Rio de Janeiro, surgiu o GRUPO DE MULHERES NEGRAS DO RIO DE JANEIRO, o NZINGA, o CENTRO DE MULHERES DE FAVELAS E PERIFERIA. Em São Paulo formou-se o COLETIVO DE MULHERES NEGRAS DE SÃO PAULO e o COLETIVO DE MULHERES NEGRAS DA BAIXADA SANTISTA. Na Bahia, foi estruturado o GRUPO DE MULHERES DO MNU, GRUPO DE MULHERES DO CALABAR E OUTROS e no Maranhão havia o GRUPO DE MULHERES NEGRAS MÃE ANDREZA.

Com os grupos organizados, começaram a sistematização de encontros com os diferentes temas, dentre eles; a discussão em torno de questões ligadas a sexualidade feminina, a exemplo de prazer sexual, aborto, contracepção, direitos civis e o que acontece é que assuntos que antes eram do âmbito privado vai para o público e tem o lugar de referência na sociedade.

Em 1975, surge o CMB (Centro da Mulher Negra) na cidade do Rio. Em 1979 nascia o Coletivo de Mulheres. E em 1981 o SOS Mulheres. O retorno das exiladas (principalmente dos EUA) contribuiu para diversificar ainda mais as múltiplas visões sobre o movimento e a forma de complementar a sua práxis.

Surgiram então, a criação de comitês, e a criação de Conselhos. O primeiro conselho criado foi em 1983, o CONSELHO DA CONDIÇÃO FEMININA DO ESTADO DE SÃO PAULO, depois temos o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher- CNDM. Nesse ritmo de criação de instituições sociais, no ano de 1985, é criada a 1ª Delegacia da mulher, na capital paulista, para tratar a questão da violência doméstica.

No IX Encontro Nacional Feminista, em 1987, em Garanhuns/PE, as mulheres negras perceberam a ausência de temas relacionados ao racismo e a raça, como pauta principal do evento. Neste momento, Joselina da Silva, sugere a técnica da linha de vida, que consiste em depoimentos divididos por momentos. A cada depoimento dado, as mulheres percebiam a semelhança com o que já haviam vivido e passado, partilhando assim sentimentos e emoções.

As temáticas discutidas nos encontros traziam as mais diversas discussões, o que contribuía para a reconstrução de conceitos e a reflexão da vivência em sociedade, questões políticas, sociais, educacionais e históricas.

Ao optar por um temário com abrangências tão variadas, as mulheres negras brasileiras, do final da década de 1980, trouxeram a luz e reflexão de que a imagem negativada da mulher negra na sociedade era fruto dos aspectos de raça, gênero e classe em primeira instância, em conexão com diversos outros que poderiam ser evidenciados a partir das muitas formas analíticas que a metodologia do encontro permitia abordar. (SILVA; PEREIRA, 2014, p.34)

A importância deste encontro é indiscutível e necessária até os dias de hoje, pois a discussão e a reflexão sobre as questões levantadas são vistas

corriqueiramente. A luta continua dia, após dia e a cada luta vencida, uma nova luta surge.

Reconhecer a relevância deste movimentos e lutas, de mulheres que histórico constantemente lutam durante toda sua vida contra o racismo, machismo, o sexismo e a desigualdade social, a mulher negra luta contra tudo isso incluindo a questão de gênero e classe social. Por isso foi necessária a união destes propósitos dentro de um encontro que contribuiu para a construção de uma nova sociedade, que obteve transformações significativas e necessárias.

### **3.PROTAGONISMO DE MULHERES NEGRAS E SUAS HISTÓRIAS DE VIDA: ESCOLARIDADE E CLASSE SOCIAL**

É importante dizermos que no movimento feminista negro, há mulheres sem e com escolaridade pois o que move essas mulheres são as necessidades de sobrevivência com dignidade conforme vemos na vida a partir dos livros de Carolina de Jesus, *Todavia*, as que têm escolaridade e principalmente as que exercem cargos públicos (professoras, artistas), as que escrevem livros ou que participam de eventos, elas fornecem elementos sistematizados que são reproduzidos e aumentam a compreensão sobre o assunto.

Dessa forma, refletir sobre a escolaridade e a classe social, gênero etnicorracial é o eixo que norteou esta pesquisa e neste capítulo ressaltamos a relevância do nível de escolaridade em relação à luta das mulheres negras nos movimentos sociais.

As mulheres apresentadas aqui, contribuíram para a conquista de muitos direitos ou foram resistência e exemplos de luta, que permeiam até hoje e são referências ao Movimento Feminista Negro no Brasil. Marcando essa contribuição, afirmamos que registros escritos e alguns cargos em espaços de poder político, principalmente, que algumas mulheres ocuparam foram e são importantes para o fortalecimento das lutas e das conquistas.

Para confirmarmos estes pontos, utilizaremos parte das biografias com recortes na escolaridade e da classe social das ativistas: Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Adélia França, Beatriz Nascimento, Jurema Werneck, Carolina de Jesus e Conceição Evaristo.

Começaremos com a história de vida de Lélia Gonzalez:

#### **Figura 2: vida de feminista- Lélia Gonzalez.**



**Fonte: [www2.ifal.edu.br](http://www2.ifal.edu.br).**

Lélia Gonzalez nasceu "de Almeida", em Belo Horizonte-MG, em 1º de fevereiro de 1935. Tinha 59 anos quando faleceu, em 10 de julho de 1994, no bairro de Santa Tereza, na cidade do Rio de Janeiro. Nas escolas e nas faculdades (graduou-se em História/Geografia e Filosofia) era conhecida pela dedicação e inteligência. Como educadora, Lélia lecionou em muitas escolas de nível médio, em faculdades e universidades. Foi professora no Instituto de Educação. No Colégio de Ampliação (UERJ), na rede estadual de ensino. Lélia passa a ser referência teórica do Movimento Negro (principalmente do novo MN, nos anos 1970, que ajudou a fundar). É a primeira mulher intelectual negra no país. (FELIPPE,2019)

Sueli Carneiro:

### **Figura 3: Quem nos apoia**



**Fonte: [almapreta.com](http://almapreta.com)**

Sueli Carneiro é doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP) e fundadora do Geledés – Instituto da Mulher Negra – primeira organização negra e feminista independente de São Paulo. Teórica da questão da mulher negra criou o único programa brasileiro de



orientação na área de saúde física e mental específico para mulheres negras, onde mais de trinta mulheres são atendidas semanalmente por psicólogos e assistentes sociais. Em 1988 foi convidada a integrar o Conselho Nacional da Condição Feminina, em Brasília. Após denúncias de um grupo de cantores de rap da cidade de São Paulo, que queriam proteção porque eram vítimas frequentes de agressão policial. Ela decidiu criar em 1992 um plano específico para a juventude negra, o Projeto Rappers, onde os jovens são agentes de denúncia e também multiplicadores da consciência de cidadania dos demais jovens. (FUNDAÇÃO PALMARES, 2013)

Adélia de França:

**Figura 4: Entre a História e a memória.**



**Fonte: CCHLA-UEPB**

Adélia de França e Silva nasceu em 04 de julho de 1904, na cidade de Aliança/PE. Era filha de José Francisco de Moura e Silva (comerciante) e Severina de França e Silva (lavadeira). Quando ainda jovem, veio estudar na capital paraibana e concluiu o curso na Escola Normal de João Pessoa. Adélia de França, aos 22 anos, tornou-se docente da rede pública de ensino no Estado da Parahyba do Norte (em 1926). Porém não se sabe ao certo em que circunstâncias familiares ela veio à capital paraibana para firmar residência, o que se sabe é que, desde então, dedicou-se à educação das filhas e dos filhos dessa terra.(CAVALCANTE)

Beatriz Nascimento:

**Figura 5: Arquivo Nacional- Maria Beatriz Nascimento.**

**Fonte:**

**arquivonacional.gov.br**



Maria Beatriz Nascimento nasce em Sergipe, em 12 de julho de 1942, filha de Rubina Pereira do Nascimento e Francisco Xavier do Nascimento, um pedreiro e uma "dona de casa", que tiveram, ao todo, dez filhos. Enquanto estudiosa, pesquisadora, ativista, autora, Beatriz pode ser focalizada, sobretudo, entre 1968 e 1971, quando cursa História na universidade federal do Rio de Janeiro. No mesmo período, faz estágio em Pesquisa no Arquivo Nacional, com orientação do historiador José Honório Rodrigues. Posteriormente, torna-se professora de História da rede estadual de ensino do Rio de Janeiro. Se pronuncia como historiadora negra. Beatriz Nascimento é assassinada em 28 de janeiro de 1995, quando defendia uma amiga que tinha um companheiro violento. (RATTS, 2009)

Jurema Werneck:

**Figura 6: Médica, preta e diretora executiva da Anistia Internacional.**



**Fonte: correionago.com.br**

Nascida no Morro dos Cabritos, em Copacabana, ao longo de seus 56 anos, Jurema enfrentou a pobreza, a fome, a morte precoce da mãe e o preconceito contra sua cor, origem e orientação sexual para chegar aonde chegou – e ela foi muito longe. Formada em medicina, com mestrado em engenharia de produção e doutorado em comunicação e cultura, Jurema é hoje a brasileira negra a ocupar o mais importante cargo da Anistia Internacional no país. (SILVA)

Carolina de Jesus:

**Figura 7: sou maluca sim! Carolina Maria de Jesus.**



**Fonte: [jeckmaluca.blogspot.com](http://jeckmaluca.blogspot.com)**

Nascida em Sacramento (MG), Carolina mudou-se para a capital paulista em 1947, momento em que surgiam as primeiras favelas na cidade. Apesar do pouco estudo, tendo cursado apenas as séries iniciais do primário, ela estudava em casa. Carolina de Jesus publicou ainda o romance *Pedaços de Fome* e o livro *“Provérbios”*, ambos em 1963. De acordo com Audálio, todos esses títulos foram custeados por ela e não tiveram vendas significativas. Após a morte da escritora, em 1977, foram publicados o *Diário de Bitita*, com recordações da infância e da juventude; *Um Brasil para Brasileiros* (1982); *Meu Estranho Diário*; e *Antologia Pessoal* (1996). (AGÊNCIA BRASIL)

Conceição Evaristo:

**Figura 8: Conceição Evaristo.**



**Fonte: acriatura.com.br.**

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em Belo Horizonte, em 1946. De origem humilde, migrou para o Rio de Janeiro na década de 1970. Graduada em Letras pela UFRJ, trabalhou como professora da rede pública de ensino da capital fluminense. É Mestre em Literatura Brasileira pela PUC do Rio de Janeiro, com a dissertação *Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade* (1996), e Doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense, com a tese *Poemas malungos, cânticos irmãos* (2011), na qual estuda as obras poéticas dos afro-brasileiros Nei Lopes e Edmilson de Almeida Pereira em confronto com a do angolano Agostinho Neto. Participante ativa dos movimentos de valorização da cultura negra em nosso país, estreou na literatura em 1990, quando passou a publicar seus contos e poemas na série *Cadernos Negros*. Escritora versátil, cultiva a poesia, a ficção e o ensaio. Desde então, seus textos vêm angariando cada vez mais leitores. (LITERAFRO)

Ao analisarmos as biografias e história de vida destas mulheres identificamos que há mulheres com pouca ou alta escolaridade e com esta característica selecionamos algumas de grande popularidade é importante ressaltar que ao produzirem os seus textos acadêmicos ou não, os seus livros, toda essas obras são fundamentais para o movimento feminista negro. As mulheres negras que conquistam uma escolaridade avançada, contribui para o fortalecimento de fontes de pesquisas nesta área. Cada uma possui uma atuação e uma bandeira de luta, que fornece um suporte a outras mulheres; algumas têm em comum, assuntos que se combinam como a questão da saúde e do racismo, por exemplo.

Das mulheres negras com pouca escolaridade, Carolina de Jesus é um ícone com os seus escritos que foram publicados em forma de livros e são fontes de estudos no Brasil e no exterior em diversos estabelecimentos de ensino.

As demais mulheres negras à exceção de Carolina de Jesus, tiveram escolaridade, muitas foram professoras e pesquisadoras e dessas muitas se afirmaram como feministas, como é o caso de Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Jurema Werneck.

Assim, é adequado dizer, que mulheres negras que não tem uma escolaridade ou formação acadêmica contribuem para o processo de visibilização do movimento, embora a contribuição possa ter caráter diferente.

### **Algumas considerações para finalizar**

O desenvolvimento da presente pesquisa possibilitou uma reflexão sobre o Movimento Feminista, e nesta perspectiva o Movimento Feminista Negro no Brasil. Perceber a importância deste movimento para a sociedade implica dizer o quanto consideramos a luta necessária, voltar o olhar ao Movimento Feminista Negro, implica dizer que não somente a questão de gênero torna-se bandeira, mas de modo especial a questão de raça.

Percorrermos a formação do Movimento feminista, permitiu a compreensão dos passos iniciais para enfim chegarmos ao tema central desta pesquisa: O Movimento Feminista Negro e relação entre o nível de escolaridade e a classe social das militantes negras.

Assim, dar a devida visibilidade as produções acadêmicas que são produzidas por mulheres negras, permitem que questões de luta cheguem a comunidade científica, e esta possibilita um número maior de fontes para pesquisa de temas neste sentido.

O incentivo por parte desta pesquisa é de que mais e mais mulheres negras produzam conteúdos acadêmicos e que elas se apropriem de um direito que é dado a todos, e que chega a classe baixa com deficiência e que é superado por muitas, apenas pelo ato de resistir: aprender a ler, escrever e que possam publicar seus materiais.

Obviamente que o pouco ou a ausência do nível de escolaridade não pode ser um empecilho para a militância no movimento, a diferença é que por meio da educação e a formação acadêmica a comunidade de mulheres negras acaba ganhando mais destaque e mais visibilidade no meio científico e o tema vai ocupando espaço nas prioridades oficiais, porque a Universidade e as pesquisas científicas são importantes espaços de poder para a transformação social e uma vida sem racismo, sem machismo e sem violências.

## REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA BRASIL. **Carolina Maria de Jesus**. Uol Educação. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/biografias/carolina-maria-de-jesus.htm>. Acesso em 29 de outubro de 2018.
- ALVES, Bianca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é Feminismo?** Brasiliense. 2017.
- CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em Movimento**. Estudos Avançados. 2003.
- FELIPPE, Ana Maria. Lélia Gonzaléz: **Mulher negra na história do Brasil**. Disponível: <http://amaivos.uol.com.br/amaivos215/?PG=notica&codcanal=71&codnoticia=13070>.
- FUNDAÇÃO PALMARES. **Sueli Carneiro**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/sueli-carneiro/>. Acesso em 29 de outubro de 2018.
- JUSBRASIL. **Art. 2 da lei Maria da Penha- lei 11340/06**. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10869061/artigo-2-da-lei-n-11340-de-07-de-agosto-de-2006>. Acesso em: 20 de novembro de 2018.
- KARAWEJCZYKA, Mônica. Os primórdios do movimento sufragista no Brasil: o feminismo “pátrio” de Leolinda Figueiredo Daltro /The early days of women’s suffrage movement in Brazil: Leolinda Figueiredo Daltro’s “patrio” feminism./ Los antecedentes del movimiento sufragista en Brasil: el feminismo “patrio” de Leolinda Figueiredo Daltro. **Estudos Ibero-Americanos**, PUCRS, v. 40, n. 1, p. 64-84, jan.-jun. 2014 LITERAFRO. **Conceição Evaristo**. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em 29 de outubro de 2018.
- OLIVEIRA, M.J.et.al. **História Oral e Método Biográfico: Congruências, diferenças e potencialidades da utilização no Campo de Administração**. Brasília: Anpad, 2013.
- PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova história das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012.
- SIGNIFICADOS. **Significado de feminismo**. Disponível em: <https://www.significados.com.br/feminismo/>. Acesso em 03 de novembro de 2018.
- SILVA, Adriana Ferreira. **Jurema Werneck a voz da resistência**. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Mulheres-do-Mundo/noticia/2018/04/jurema-werneck-voz-da-resistencia.html>. Acesso em 09 de novembro de 2018.

SILVA, Joselina da; PERREIRA, Amauri Mendes. (orgs). **O Movimento de mulheres negras: escritos sobre os sentidos da democracia e justiça social no Brasil**. Belo Horizonte: Nandayla, 2014. P.13-38.